

CADA UM COM SEU JEITO, CADA JEITO É DE UM: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO INTERFACE PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA¹

Valquíria Borges de Menezes²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo, compreender como a literatura afro-brasileira pode contribuir para a construção da identidade da criança negra, especialmente na Educação Infantil. Como um espaço multicultural, de socialização de diferentes culturas e etnias, a escola precisa ter um olhar para a diversidade, criar laços de afetividade e respeito mútuo, ampliar o conhecimento dos educandos em relação a outras culturas, possibilitando o diálogo com a diversidade. A promulgação da Lei 10.639/2003 institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo escolar da educação básica. A literatura infantil afro-brasileira, tem um importante papel na formação da criança, bem como na valorização e construção de sua identidade étnica e cultural positiva, possibilitando a desconstrução de estereótipos racistas. A abordagem qualitativa, aliada a pesquisa-ação foi a opção metodológica para o desenvolvimento do estudo que se deu através de um projeto de intervenção, aplicado com crianças de uma turma da educação infantil, em uma unidade escolar, no município de São Francisco do Conde. A proposta de intervenção consistiu na realização de atividades, tendo por base o livro *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um* de Lucimar Rosa Dias (2012), o qual conta a história de Luanda, uma menina negra. Conclui que, torna-se imprescindível que o ambiente escolar propicie momentos que contemplem temas como a diversidade e o respeito às diferenças a fim de auxiliar na construção da identidade da criança negra.

Palavras-chave: Cada um com seu jeito, cada jeito é de um (Livro) - Estudos de caso. Estudantes negros - São Francisco do Conde (BA) - Educação. Literatura infantil afro-brasileira. Negros - Identidade racial.

ABSTRACT

This study aims to understand how Afro-Brazilian literature can contribute to the construction of the identity of black children, especially in Early Childhood Education. As a multicultural space, socializing different cultures and ethnicities, the school needs to have a look at diversity, create bonds of affection and mutual respect, expand the knowledge of students in relation to other cultures, enabling dialogue with diversity. The enactment of Law 10.693 / 2003 establishes the obligation to teach Afro-Brazilian and African History and Culture in the school curriculum of basic education. Afro-Brazilian children's literature plays an important role in the child's education, as well as in the appreciation and construction of their positive ethnic and cultural identity, enabling the deconstruction of racist stereotypes. The qualitative approach, combined with action research, was the methodological option for the development of the study that took place through an intervention project, applied to children from a kindergarten class, in a school unit of the private school system, in the municipality of São Francisco do Conde. The intervention proposal consisted of carrying out activities, based on the book *Each one in his own way, each way is by* Lucimar Rosa Dias (2012), which tells the story of Luanda, a black girl. It concludes that, it is essential that the school environment provides moments that contemplate themes such as diversity and respect for differences in order to assist in the construction of the identity of black children.

Keywords: Afro-Brazilian children's literature. Black people - Racial identity. Black students - São Francisco do Conde (BA) - Education. Each one with their own way, each way is one (Book) - Case Studies.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida.

² Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Licencianda em Pedagogia pela mesma universidade.

1 INTRODUÇÃO

A instituição escolar possui caráter formal e tem como princípio, possibilitar ao educando, o desenvolvimento de vários aspectos como: a personalidade, a autonomia, a cidadania, a identidade e a formação social. Além disso, desempenha um papel fundamental na construção e ampliação de conhecimento, formação de valores e comportamentos, com vistas a contribuir com o desenvolvimento crítico e consciente do educando.

Como um espaço multicultural, de socialização de diferentes culturas e etnias, a escola precisa ter um olhar para a diversidade, proporcionar ações para receber todas as pessoas igualmente, criar laços de afetividade e respeito mútuo, possibilitar o desenvolvimento de suas potencialidades, ampliando o leque de conhecimento dos educandos em relação a outras culturas, provocando neles a curiosidade de dialogar com as diferentes riquezas culturais. Destarte, ao formar o aluno para o exercício da cidadania, a escola tem um papel de extrema importância na desconstrução de estereótipos e na promoção da igualdade.

Nesta perspectiva, com a promulgação da Lei 10.639/03, o que se pode esperar é que a escola assuma seu papel social de valorização e de difusão da cultura e da pluralidade de nossa formação étnica. Que garanta uma reconstrução histórica e apreciação das características identitárias da criança, protagonizando-as, levando em conta todos os resquícios negativos inconscientemente assimilados, durante anos. Uma das formas de trabalhar a desconstrução de estereótipos e preconceitos e valorizar a diversidade, é trabalhar com a cultura e a riqueza literária afro-brasileira na escola. Assim, estaremos rompendo com modelos literários prontos, que exaltam a criança branca e inferiorizam a negra.

Diante dessas ideias iniciais, a problemática central do presente estudo delinea-se pelo seguinte questionamento: de que maneira a literatura infantil afro-brasileira pode constituir-se como um instrumento mediador no processo de construção identitária da criança negra? Enfim, por trás dessa questão delineada está um processo de construção de caminhos nada lineares, com um emaranhado de fios que vão sendo tecidos no curso dessa investigação, com o objetivo de compreender como a literatura afro-brasileira pode contribuir para a construção da identidade da criança negra, especialmente na Educação Infantil.

A Lei nº 10.639/03 contribui para a formação da sociedade, na busca de igualdade, e no combate ao racismo, ao preconceito e as desigualdades sociais; com ações afirmativas que visam integrar negros(as) e afrodescendentes, em sua história e no contexto educativo. Gomes (2002, p. 39), assevera que “a escola é um dos espaços que interferem na construção da identidade negra”, e nesse sentido, se fez necessário adequar o currículo e inserir uma literatura

que contemple o que é explicitado pela lei, inserindo uma literatura em que personagens negros(as), ocupem diferentes espaços, que desvelem sua história, sua cultura e ancestralidade (MENEZES, 2017).

Ao pensar na importância da valorização e reconhecimento da ancestralidade negra, desde a infância, aliada as minhas vivências iniciais quando criança; bem como as experiências profissionais na área da educação, foi que emergiu o desejo de aprofundar reflexões sobre a temática da literatura afro-brasileira. Desde os primeiros anos de vida, ouvia clássicos literários tradicionais, por meio de histórias com personagens principais brancos. Aliás, não haviam personagens negros, nem mesmo no papel de serviçal como era o caso da tia Anastácia no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Posição que inferioriza a população negra, já que parte considerável da sociedade contemporânea, acha que a área de serviço é nosso lugar.

Neste cenário, sempre me questioneei sobre a representação do negro na literatura infantil. Por que não havia personagens como eu naquelas histórias? Por que também não tinha acervos literários que contemplassem personagens que representassem a minha cor? E por que minhas professoras optavam sempre pelos mesmos clássicos com uma certa “exclusividade”, se meus colegas em sua maioria eram negros, tanto quanto eu? Enfim, por total influência dessas histórias, eu acabava reproduzindo em meus desenhos e no próprio cotidiano tais representações, para tentar me inserir nesse contexto, já que não enxergava uma realidade que me identificasse.

A vontade de ver nosso lugar de negro(a), ser valorizado e reafirmado, foi crescendo dentro de mim. Ficava a imaginar que diante das diferenças existentes, as pessoas precisavam aceitar umas as outras do jeito que eram, independente da sua cor, de seus traços característicos, bem como da sua condição cultural. Sentimentos também experimentados por mim, ao me identificar com Luanda, protagonista da obra de literatura infantil, “*Cada um com seu jeito, cada jeito é de um*”! Uma menina sonhadora, alegre, tão pequena e já entendendo coisas que as vezes nem adultos conseguem assimilar e entender. Ao estabelecer relações de diferenças quanto aos traços característicos de cada personagem, deixa evidente a leitura de que os corpos negros estão sendo acima de tudo, postos em um lugar de valorização, autoestima e reafirmação. Sobretudo quando aponta para a questão do respeito a esse jeito de ser, meu e do outro, enquanto aspecto positivo.

Tais aspectos evidenciados pela autora, despertaram a minha memória de infância, enquanto criança negra, com poucas oportunidades e tendo que trabalhar desde muito cedo para ajudar meus pais. De família humilde e batalhadora, sou a segunda filha de quatro irmãos. Estudamos em escolas públicas de São Francisco do Conde, município situado no recôncavo

baiano. Dos primeiros anos na creche, até o ensino fundamental, não tinha a consciência da forma preconceituosa como a criança negra era representada na escola. Determinadas posturas das professoras em relação a representação do(a) negra(a), eram sempre inferiorizadas, de descaso, de pouca relevância. As ações e atividades desenvolvidas em sala de aula, como pesquisas, cartazes, momentos de leitura e amostras culturais não valorizavam a cultura negra e sua ancestralidade.

Ao iniciar o ensino médio, passei a ter consciência de que a escola, por meio de suas atividades, não buscava trabalhar com os educandos questões que de fato retratassem a cultura e identidade negra, o que imprimiu uma lacuna significativa no meu processo de formação. Tal constatação, provocou em mim uma grande indignação pelo meu silenciamento durante tantos anos, ao tempo em que experimentava uma motivação para não permitir que no meu exercício profissional, tais atitudes fossem reproduzidas.

Uma das minhas experiências profissionais na área de educação, foi como auxiliar de disciplina, em uma escola pública, situada no município de São Francisco do Conde. No decorrer das atividades desenvolvidas diariamente neste espaço, notava que nenhuma ação se relacionava com a cultura negra, que a escola não utilizava a literatura afro-brasileira nos momentos de contação de histórias. Privilegiando o uso de contos clássicos tradicionais. Atualmente, atuo em uma escola da rede privada de ensino em São Francisco do Conde, como professora da Educação Infantil, Grupo 04. Para o meu descontentamento, me deparei com a mesma realidade. Presencio diariamente ações e práticas preconceituosas em relação a cultura negra. O que aumentou o meu nível de questionamentos, me inquietando, ao tempo em que me fez refletir: o que posso fazer para mudar esse cenário? Preciso fazer algo para mudar esta realidade...

Nesta perspectiva, resolvi que a mudança deveria ter início com a minha própria turma da Educação Infantil. Comecei então a inserir na rotina da turma, logo no início do ano de 2019, histórias infantis da literatura afro-brasileira nos momentos de leitura e das histórias contadas. Em alguns momentos, criava histórias onde as próprias crianças eram as personagens. Uma experiência maravilhosa, que contava com a participação de todas elas! Com isso, busquei contemplar o currículo que é posto pelas Diretrizes Curriculares, mas nem sempre é praticado pela escola.

A referida experiência, descortinou para mim, a oportunidade de implementar um projeto de intervenção na instituição, especificamente na turma em que atuava, o qual já vinha sendo pensado por mim, ao longo das minhas reflexões. Um projeto que buscasse educar para e na diversidade, sem negar as diferenças. Uma vez que ao trabalhar a construção da identidade

da criança nessa fase inicial de escolarização, possibilita trabalhar a formação da sua identidade, bem como a construção acerca das pessoas e do que o mundo tem a lhes oferecer.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: ALGUMAS REFLEXÕES

De acordo com Lobo (2007), a literatura negra é desenvolvida por autores negros que escrevem sobre sua cultura e origem, abordando de forma crítica, temáticas que englobem seu universo existencial. Contudo, há autores brancos que também fazem literatura negra, quando dão visibilidade ao racismo, reafirmando o espaço da população negra enquanto colaboradores na formação da sociedade brasileira.

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO, 2007, p. 315)

Nessa perspectiva, como afirma a autora, a literatura afro-brasileira visa resgatar a história do povo negro, abordando sua escravização, bem como suas consequências, a elevação de heróis negros, como Zumbi dos Palmares, suas tradições culturais e religiosas. Um longo caminho de resistência e superação que tem ultrapassado séculos. Enfim, o negro é o protagonista dessa literatura, tendo um lugar de fala único, que não pode partir de um outro corpo, que não viveu e não vive as distorções históricas que até o momento atual, tem tentado nos ditar lugares.

Pela riqueza da historicidade afro-brasileira, constituída por sua contribuição cultural, hábitos, costumes, danças, músicas, espiritualidade e beleza, é que torna imprescindível a sua disseminação no âmbito escolar por meio de uma literatura infantil afro-brasileira que possibilite aos educandos conhecerem e respeitarem a população negra. Que contribua para a autoafirmação das crianças negras, promovendo um rompimento com uma ideologia eurocêntrica e monocultural. (MENEZES, 2017)

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, que possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. (SILVA, 2010, p. 35)

Ao proporcionar a criança negra uma representação que valorize o reconhecimento de suas “raízes”, sua cultura, a literatura infantil de matriz africana vai tomando espaço no universo escolar, desconstruindo preconceitos, abrindo “portas” para a diversidade. Para tanto, se faz necessário “um maior conhecimento por parte dos professores dessa literatura, com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas transformadoras, que contribuam para a legitimidade das várias culturas e respeito à pluralidade cultural e religiosa”. (SILVA, 2010, p. 04)

A autora chama atenção para a necessidade de uma formação docente adequada para o trabalho com a literatura afro-brasileira na escola. Uma formação que possibilite aos professores, colaborar com o aluno no conhecimento da diversidade étnico-racial do Brasil e despertando “nos pequenos leitores, senso crítico e discernimento com textos específicos” (MARIOSAS; REIS, 2011, p. 49).

Dessa forma, afirma Peixoto (2013, p. 86), “a pesquisa e a leitura, nas salas de aula, de obras comprometidas com um viés afirmativo do afrodescendente e de sua cultura é um caminho profícuo a ser trilhado por toda/o profissional de educação”, que possibilita modificar a ideologia de branqueamento imposta pela sociedade de forma errônea, pelo desconhecimento da contribuição do negro para a formação do Brasil. Visto que “é importante romper com padrões sociais cristalizados e com as práticas invisíveis de reforço negativo” (MARIOSAS E REIS, 2011, p. 50).

A Lei nº 10.639/03, em seu § 2º afirma que “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras”, no Ensino Fundamental e Ensino Médio, nas instituições escolares tanto públicas, quanto privadas do país. Importante ressaltar que a referida lei modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96 e foi criada a partir da pressão e luta de organizações constituintes do Movimento Negro Brasileiro, que já havia conseguido no ano de 1995, incluir a Pluralidade Cultural como tema transversal nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Ao determinar o combate as injustiças que os negros passaram e até hoje passam, tanto em relação a exclusão, quanto ao preconceito que ainda sofrem, a lei contribui de forma significativa para a sociedade, especialmente com os educandos, para que tenham a consciência de como os negros e afrodescendentes têm sido marginalizados, apesar de contribuírem para a construção do país.

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de

oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2005, p.17).

Acreditamos que por sua vez, a Lei n ° 10.639/03 não tem dado conta dessa demanda, que ultrapassa aquilo que deve compor ou não um currículo, quando uma prática efetiva vem do “fazer”, afim de constantemente reconstruir o que nos foi posto. Neste cenário, a criação da Lei 11. 645/2008 altera a Lei 10.639/2003 e estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008)

Sendo assim, as leis 10.639/03 e 11.645/08 contribuem com ações afirmativas, que visam integrar negros, afrodescendentes e indígenas, em sua história e no contexto educativo, mostrando sua contribuição para a formação da sociedade, buscando igualdade, e lutando contra o racismo, o preconceito e a desigualdade social. É preciso desenvolver um currículo com práticas coerentes e diárias dentro do contexto escolar, afim de desmistificarmos as hierarquizações propostas que não contemplam a diversidade brasileira.

Infelizmente, a exigência legal não garante que esses conteúdos sejam realmente trabalhados e discutidos no contexto escolar. Por isso o educador precisa buscar meios e estratégias para que de fato essa conquista possa ser apreciada pelos seus educandos, uma vez que tanto a população negra, quanto a indígena são sujeitos protagonistas da formação do povo brasileiro.

Segundo Duarte (2004) há cinco elementos que constituem a literatura afro-brasileira: a autoria, a temática, o ponto de vista, a linguagem e o público. O primeiro elemento, autoria, refere-se à cor da pele do autor e sua condição identitária enquanto negro, apesar dessa visão gerar controvérsias e discussões. O segundo elemento, a temática, refere-se a história do negro no Brasil. De acordo com Duarte, (2004) “quem eram esses negros? Como eles vieram e por que vieram? Como se estabeleceram? Como se deu o processo de abolição e o que aconteceu após a abolição?”, sem uma postura de vitimização, mas assumindo o papel de sujeito de sua história.

O terceiro elemento é o ponto de vista, que tem como referência a experiência e escrita do autor, explicitando sua visão a respeito do mundo, haja vista que é necessária uma “história de militância”, exaltando o contexto histórico social e cultural. O quarto elemento, é a linguagem que necessita constituir-se da oralidade e referindo-se à matriz africana. Por último, o quinto elemento que é o público, visa aumentar a clientela negra de forma a reverter os valores e estereótipos e reconstruir símbolos negativistas, a fim de exaltá-los.

Logo, como afirma o autor, trata-se de uma literatura essencialmente negra, que busca sim protagonizar aqueles que sempre estiveram a margem da sociedade, que busca transferir olhares para uma historiografia reconstruída por bases positivas a partir de um corpo negro, em posse de um lugar de fala único e legítimo.

3 A QUESTÃO IDENTITÁRIA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é um período em que a criança está em pleno desenvolvimento de suas potencialidades, desenvolve sua autonomia, sua identidade e estabelece interações. Diante disso, os professores necessitam ter como base a realidade das crianças como ponto de partida para o seu trabalho, assinalando sua diversidade, desenvolvendo atividades concretas e desafiadoras, estimulando a descoberta, ressaltando a participação e ajuda mútua.

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (DCN, 2010, p. 16)

Dentro dessa perspectiva, como mostra as Diretrizes Curriculares Nacionais, a Educação Infantil deve contemplar esses princípios para que a criança pequena possa adquirir sua formação integral. Por isso, necessita propiciar a capacidade de pensar, aprender a refletir sobre seus modelos mentais, a socializar-se e a construir sua identidade e autonomia.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei 9.394/96, em seu art. 29, afirma que “a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Diante disso, é uma etapa de ensino de significativa importância, já que é o primeiro contato que a criança possui

com a escola, preparando-a para as fases seguintes. Deve nesse sentido, priorizar a valorização de oportunidades educativas, baseando-se na confiança de que a criança é um ser ativo do seu conhecimento, que aprende a partir das ações, reflexões e interações com um adulto, com outras crianças e com o ambiente.

Cabe então a escola, possibilitar o desenvolvimento de atividades que trabalhem com a diversidade, bem como a valorização das diferenças, singularidades e a construção da identidade. Uma vez que tal construção “se dá através da interação com o outro, nas relações sociais, tanto no meio familiar, quanto na escola, na igreja, na sociedade em geral” (GOMES, 2008, p. 16), a partir dos referenciais positivos ou negativos que a criança tem contato durante sua trajetória de vida. Compreendemos então que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38).

O ambiente escolar é basilar na socialização da criança de diferentes culturas, valores e características. O que contribui sobremaneira para a sua construção identitária. Muitas vezes o indivíduo se enxerga, de acordo com a ideia que os outros fazem de si, haja vista que a identidade de cada um não se constrói de forma individual, pelo fato de haver interferências do meio externo, sendo adquirida a partir da interação com o outro, ou mesmo do diálogo. Para Gomes (2002), a instituição escolar interfere na identidade negra, pois é um espaço onde há diversos olhares direcionados aos negros e também para sua cultura, de forma a ser possível valorizar tal identidade e suas diferenças como também estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Menezes (2017), aponta duas dimensões para a construção da identidade. Na dimensão pessoal, essa construção resulta da identificação que o indivíduo faz com o outro, relevante à sua socialização. Já na dimensão social influencia significativamente em sua formação identitária, pelo fato do ambiente exercer indução sobre o conceito de si mesma. Na literatura infantil não é diferente. Todavia esse acesso necessita ser ampliado para todas crianças, sejam negras ou brancas, de modo a quebrar paradigmas e preconceitos, priorizando e oportunizando uma forma outra de conhecimento dentro dos parâmetros de diversidade compostos pela sociedade brasileira.

Independentemente do grupo social e/ou étnico-racial a que atende, é importante que as instituições de Educação Infantil reconheçam o seu papel e função social de atender às necessidades das crianças constituindo-se em espaço de socialização, de convivência entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento, como espaços de cuidar e educar, que permita às crianças explorar o mundo, novas vivências e experiências, ter acesso a diversos materiais como livros, brinquedos, jogos, assim

como momento para o lúdico, permitindo uma inserção e uma interação com o mundo e com as pessoas presentes nessa socialização de forma ampla e formadora (SANTANA, 2006, p. 35)

Nessa perspectiva, é possível perceber as diversas inquietações que os educandos evidenciam no que refere a sua identidade. Dentre elas: como a criança negra pode aceitar o seu grupo étnico, se a sociedade dita padrões e espaços inferiores para o negro? Como esses estereótipos podem influenciar na construção da identidade da criança negra? Quais os impactos que os clássicos da literatura infantil podem causar ao disseminarem esses estereótipos? Esses são alguns questionamentos a respeito dessa ideologia construída na sociedade, que em vários momentos se presentificam na escola e que dificultam a aceitação dessas crianças.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

A pesquisa constitui-se como uma atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. Auxilia no recolhimento de dados para detalhar e descrever um fato mediante fatos, hipóteses levantadas acerca de determinada temática abordada e sua problemática. “[...] É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” (MINAYO, 2011, p. 17). Sendo assim, constitui-se como um instrumento de aquisição de conhecimentos de um determinado tema, diante disso o pesquisador necessita utilizá-la para obter as respostas de seus questionamentos.

Para Demo (2000, p. 43), a pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma inquietação ou situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. A abordagem qualitativa, aliada a pesquisa-ação, costuma possibilitar ao docente “a vontade de participar diretamente do conhecimento dos problemas deles” (BARBIER, 2010, p. 55). Assim, acreditamos que a referida opção, é a mais adequada por se tratar de situações vivenciadas por mim, enquanto professora da Educação Infantil, as observações sobre o cotidiano escolar, bem como a minha prática pedagógica. A qual tenho buscado transformar, a partir de um olhar mais apurado para a diversidade, para as diferenças. O que diretamente atravessa a minha identidade, enquanto mulher negra que sou.

O Projeto de Intervenção *Cada um com seu Jeito, cada jeito é de um! : A literatura afro-brasileira infantil como interface para a construção identitária da criança negra*, foi aplicado em uma instituição privada na cidade de São Francisco do Conde, em uma turma de Educação

Infantil, grupo 04 – crianças entre 4 e 5 anos de idade). A turma é constituída por 19 alunos sendo: 12 meninas e 7 meninos. Buscamos a partir de diferentes atividades, relacionadas ao livro *Cada um com seu Jeito, cada jeito é de um!*, trabalhar com a identidade étnica racial das crianças, sobretudo intensificar a construção da identidade delas, possibilitando que se perceberam no mundo e percebam o outro, frente a diversidade.

5 CADA UM COM SEU JEITO, CADA JEITO É DE UM!



Fonte: pinterest.com

O livro *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um* de autoria de Lucimar Rosa Dias (2012), conta a história de Luanda, uma menina negra. Seu nome foi escolhido por seu pai, em homenagem a cidade de Luanda, por achar que a filha recém-nascida, seria tão linda quanto a cidade. Muito vaidosa e sapeca, a menina adora a sua cor de pele, seu sorriso, sua altura, e o que mais gosta é seu cabelo crespo, cheio de rolinhos. O qual não se cansava de fazer diferentes penteados.

A beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial. [...] A produção de um sentimento diante de objetos que tocam a nossa sensibilidade faz parte da história de todos os grupos étnico/raciais e, por isso, a busca da beleza e o sentimento do belo podem ser considerados como dados universais do humano. (GOMES, 2008, p.130)

Seu gosto pelos seus cabelos, contribui para uma imagem positiva da criança negra, especialmente as meninas, no que refere à sua identidade, uma vez que a mesma não é inata, mas sim adquirida em seu contexto cultural, ou seja, no meio social.

A narrativa prossegue, apresentando várias atividades que a menina gosta de realizar: pular degraus de escadas, brincar no gira-gira do parque, comer chocolate, ler muitos livros, ir à escola todos os dias, cantar, jogar bola, montar quebra-cabeça; além de “chamar a mãe toda hora, com um gritinho para lá de especial” (DIAS, 2012, p.)

Descreve sua família, mostrando que cada um tem um jeito: sua mãe era baixa, magra e gostava de cuidar do jardim; seu pai era alto, um pouco gordo, gostava de cozinhar e de futebol; seu irmão mais velho era alto, forte, gostava de jogar videogame; seu irmão mais novo, era baixo, mais fraquinho, e gostava de brincar de esconde-esconde; sua avó materna era magra, alta e gostava de caminhada e ouvir rock. Por isso, cada um tinha seu jeito, cada jeito é de um, e mesmo assim todos se curtiam, se respeitavam e se amavam.

Diferente de Luanda, que vivia feliz frente as diferenças e respeitava a todos(as), eu não fui criada para aceitar as diferenças, tanto no ambiente familiar, como na escola. Nunca fui estimulada a gostar de mim mesma, do meu cabelo crespo e cheio de rolinhos, como o da personagem. Via frequentemente pela televisão, em desenhos e novelas, padrões de beleza serem imputados a crianças, jovens e adultos. E percebia que eu não estava inserida neste padrão. Assim, aos 12 anos, cortei o meu cabelo e alisei. O choque foi grande! Não mais me reconhecia em frente ao espelho, queria voltar atrás, apesar de não entender muito inicialmente o porquê.

Porém com o passar dos anos, o mal estar foi crescendo dentro de mim. Era como se eu estivesse aprisionada, perdesse a minha identidade. Hoje, ao olhar para a minha sobrinha e para outras crianças, busco incentivar que conservem a sua própria imagem e identidade, pois o belo está nos olhos de quem enxerga e não de quem apenas vê.

Além dos aspectos identitários, outro fator relevante da obra, reportado na família de Luanda, é demonstrar que cada um possui seus gostos, especificidades e peculiaridades. Que cada um possui um jeito, e isso é que os difere. Todavia independente desses fatores, todos se amam. Ninguém precisa ser igual ao outro, fomos criados com base nas diferenças mesmo, para que haja a troca mutua de experiências, de referências que cabe a cada ser humano, de uma forma única e especial. Sobre esta questão, Santana (2006, p. 44), afirma que

Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário, favorecer a discriminação quando silencia diante da

diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar o respeito as diferenças e a diversidade étnico-cultural, bem como social e histórica, com o rompimento de estereótipos relacionados as pessoas negras. Atribuir adjetivos às características de cada personagem presente nas obras infantis, de forma positiva, como protagonistas da história, para que nossas crianças se enxerguem através delas e optem de forma natural por estar ali naquele lugar de representação.

No entendimento de Cavalleiro (2005) e Santana (2006) a criança negra passa pelo processo de negação diante do outro, pelo fato de não perceber na historiografia oficial, a história do seu povo e sua cultura. Devido à falta de visibilidade desses aspectos no currículo escolar e nos materiais didáticos das escolas. Sendo assim, a introdução da literatura afro-brasileira no cotidiano escolar cumpre o papel de desconstruir os estereótipos atribuídos aos negros, apresentando a riqueza ao pertencimento de um grupo racial que vem ultrapassando as barreiras da dominação e do racismo. Essa inserção contribui fundamentalmente para a formação da identidade étnico-racial da criança negra, a valorização da cultura negra e no combate ao racismo.

Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade. (BARREIROS, 2010, p. 05)

As histórias infantis são importantes por possibilitarem às crianças, especialmente na Educação Infantil, encontrarem um caminho para a resolução de seus problemas, ao se identificarem com os personagens das histórias que leem. Destarte, a narrativa do livro, nos deixa uma reflexão importante e que precisa ser explorada e discutida no ambiente escolar. A questão relacionada a autoafirmação enquanto negro, exaltando a beleza negra, e auxiliando na construção da identidade dos educandos, contribuindo para que os mesmos consigam enxergar-se dentro da história, além de se sentirem representados.

6 O PROJETO DE INTERVENÇÃO: APRESENTANDO OS RESULTADOS

A literatura infantil, é uma importante forma de interação com as crianças e das crianças com o mundo. Uma vez que possibilita, o despertar da imaginação e a expressão de sentimentos, ampliando a capacidade de relacionamento e compreensão do mundo, pela criança. O projeto *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um: construindo a identidade da criança negra*, decorreu das observações e da prática pedagógica desenvolvida na escola campo de pesquisa, na qual sou professora, durante cinco dias, no período de 25.11.2019 a 04.12.2019. As etapas do trabalho foram planejadas a partir das observações realizadas no ambiente escolar, especialmente, comportamentos e diálogos entre as crianças.

Como objetivos, o referido projeto possibilitou: estimular a participação e interação dos educandos, mediante a expressão de desejos, necessidades, vontades, seja oralmente, seja no âmbito da escrita e no campo artístico; promover o gosto pela leitura a partir de diferentes atividades; desenvolver atitudes de respeito e pluralidade; entender que fazemos parte de um meio social onde a diferença precisa ser apreciada enquanto um valor importante na nossa formação.

A Educação Infantil necessita priorizar a valorização de oportunidades educativas, baseando-se na confiança de que a criança é um ser ativo do seu conhecimento, que aprende a partir das ações, reflexões e interações com o adulto, com outras crianças e com o ambiente. Nessa perspectiva, apresentamos a seguir, cada etapa do projeto, por meio das atividades desenvolvidas e da análise das informações coletadas durante todo o desenvolvimento do mesmo.

7 ETAPA 01 (25/11/2019): DIALOGANDO SOBRE AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA OBRA

Após a apresentação do livro *Cada um com seu jeito, cada jeito é um*, os alunos demonstraram desejo e motivação em ouvirem a história. Algumas meninas se identificaram com a personagem principal do livro, ao observarem a capa, outros alunos elogiaram Luanda com comentários: *Que menina bonita, parece uma heroína, o cabelo dela parece com o meu...* E nesse contexto, passaram a rememorar algumas referências importantes do povo negro como: Zumbi dos Palmares e Dandara (esposa de Zumbi). Assim, muitas foram as indagações sobre a

cultura negra, as quais provocavam uma intensa motivação e euforia na turma sobre quem foram essas pessoas e seu legado.

Inicialmente, propus a turma, uma dinâmica chamada “tesouro secreto”. Sentadas na rodinha, as crianças receberam uma caixa contendo um espelho, a qual passaria de mão em mão. De posse da caixa, a criança deveria abri-la e olhar o conteúdo que estava no interior da mesma, dizendo o que estava vendo (suas características físicas: cor da pele, tipo de cabelo, cor do cabelo, boca, nariz, etc.). Enquanto a caixa passava, eu ia dizendo a turma: Vocês verão um grande tesouro! Mas não podem contar ao coleguinha o que viram. Após a dinâmica, as crianças socializam as impressões, o que viram, ressaltando características particulares de cada um...

Foto 1 - Dinâmica Tesouro Secreto



Fonte: acervo da autora da pesquisa.

Em seguida, retomei a história de Abayomi, trabalhada anteriormente com a turma. As crianças falaram sobre o nome da boneca, que significa aquele que traz felicidade. Os alunos/as ficaram aparentemente contentes em saber que eu demonstraria na rodinha, como é feita a produção da boneca Abayomi. Ao propor a atividade de confecção da boneca, as crianças perguntaram se poderiam também construir um irmão para ela: o boneco Benjamim. A sugestão do nome foi dada por uma criança aparentemente branca, que ficou muito feliz quando a turma aderiu e gostou do nome por ele batizado. Após a atividade, muitos pediram para levar a(o) boneca(o) para casa.

Saliento que fiquei bastante feliz e satisfeita quando vi eles rememorando com riqueza de detalhes, tudo que havia trabalhado anteriormente com eles em sala. Algo que me marcou neste momento, foi o fato de que, três dias antes da intervenção, trabalhando com eles em sala,

sobre representações negras de destaque como Zumbi, Dandara, falando sobre o orgulho que deveríamos ter por sermos negros, uma aluna disse: *Mas pró eu não sou negra! Negro é o meu colega!* O não reconhecimento da própria etnia, deixa claro os estereótipos criados desde os primeiros anos de vida, o que impacta na construção da identidade da criança. Ao reclamar que “[...] não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiramente dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ela não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluída de brincadeiras” (CAVALLEIRO, 2001, p.156).

Foto 2 - Oficina de construção de bonecos



Fonte: acervo da autora da pesquisa.

Confesso que diante da afirmação da criança, parei pensei, refleti e disse: *“não somos mesmo todos iguais, e nem deveríamos ser. Você acharia legal se todos nós tivéssemos a mesma aparência? Os mesmos gostos e escolhas? Não é vergonha nenhuma em ser negro. Ao contrário, é motivo de muito orgulho...”*. E nesse contexto, fui trabalhando sobre a questão da diversidade, acrescentando outras questões a respeito da valorização de todos(as), independente da cor, dos traços característicos, da classe social. Uma vez que enquanto docente precisamos *“cuidar para que a criança receba atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo”* (CAVALLEIRO, 2001, p.156), afim de possibilitar o alcance dessas construções positivas, materializando-as e tornando-as palpáveis às crianças.

Neste dia foi difícil exemplificar certos conceitos para a turma, de uma forma que entendessem realmente. Mas no decorrer dos dias com a prática do desenvolvimento das atividades fui percebendo que adquiriram consciência do que estava sendo trabalhado em sala.

Etapa 02 (27/11/2019): Ressaltando nosso protagonismo a partir de novas representações

Iniciei o segundo dia de intervenção, com alguns questionamentos sobre o livro. O que foi falado sobre a obra? Quem era a menina? Continuei perguntando qual a diferença dos livros adquiridos pelos pais, para o livro objeto da intervenção? Se instaurou um silêncio na classe, depois foram dizendo coisas aleatórias, até que a aluna Esther diz: *A cor do cabelo minha pró, o desse livro é amarelo, o de Luanda é preto.* A aluna Malu complementa: *Já sei! A cor da pele!! A Luanda é negra, e essa princesa Barbie é branca!*

Malu insiste no questionamento: *Por que Luanda é negra e as outras capas de livros só tem bonecas brancas minha pró?* E questionei: *seria porque quem escreve essas histórias, e produzem essas mochilas com personagens de pele branca, são pessoas brancas? Já pensaram nisso?* Perguntei as meninas: *Vocês se acham parecidas com Luanda ou com as princesas dessas outras obras?* Resposta unanime: *Parecemos com Luanda!*

Foto 3 - Atividade na rodinha: representação de personagens da literatura



Fonte: acervo da autora da pesquisa.

Nesse instante, percebi que realmente estava fazendo a coisa certa. Estava despertando neles a consciência de quem são, e que podem sim, serem protagonistas tanto quanto aqueles personagens brancos da história. Expliquei sobre a sociedade em que vivemos, falei sobre o racismo e o preconceito em relação a população negra e sobretudo, a posição do negro que vem ocupando seu espaço na sociedade.

Malu continua questionando: *Por que as pessoas só fazem mais livros de cor branca e não sobre a gente?* Expliquei que quem faz os livros são pessoas brancas e os interesses são

outros... Malu fala que vai comprar um livro com pessoas negras. Perguntei se eles já conheciam as princesas negras? E cito algumas personagens negras da literatura infantil... Em seguida, mostrei a turma, duas bonecas brancas levadas por duas alunas, e questionei a turma sobre a diferença em relação a protagonista da história. E eles foram apontando as diferenças em relação a Luanda. Uma aluna fala: *A boneca branca é mais bonita!* Pergunto: *por quê?* E ela prontamente responde: *Por causa do tamanho da boneca negra, que já é adolescente e a branca é bebê.* Por isso, prefere a boneca branca. Theo questiona: *até o boneco de Lucas Neto é branco, né minha pró?*

O diálogo empreendido entre mim e Malu, revela um certo preconceito e racismo, a partir das inquietações evidenciadas pela criança, ao não ser trabalhada quanto a questão da diversidade, da sua própria identidade. Diante de questões tão problemáticas e pouco evidenciadas entre eles, já que não tiveram uma vivência anterior sobre a identidade negra.

Por mais que a diversidade seja um elemento constitutivo do processo de humanização, há uma tendência nas culturas, de um modo geral, de ressaltar como positivos e melhores os valores que lhe são próprios, gerando um certo estranhamento e, até mesmo, uma rejeição em relação ao diferente. (GOMES, 2008, p. 18).

As representações do(a) negro(a) presentes no contexto social, podem despertar nas crianças reações de aproximação ou distanciamento com as diferenças, que não podem ser desprezadas e, para além disso, devem ser ressignificadas. Cabe então a escola, trabalhar na desconstrução de estereótipos, com ênfase a valorização diversidade.

Nesse sentido, e tomando por base os questionamentos das crianças, anteriormente, solicitei que fizessem o seu autorretrato, do jeito que são. O que gostam de fazer junto a família em casa, com as pessoas que moram. Malu, logo exclama: *vou pintar de marrom... da cor que eu sou!* Foi possível perceber através dos desenhos, que muitos alunos já não representavam suas pinturas nem com lápis cor de “pele” e nem de cores outras como: azul, vermelho, rosa, como faziam anteriormente em outras atividades.

Foto 4 - Criação do autorretrato

Fonte: acervo da autora da pesquisa.

Depois, comentei sobre as reproduções feitas em sala e perguntei sobre os desenhos produzidos por eles, e aqueles que aparecem como “modelo de pessoas”, que eles pintam com cores azul, amarelo, verde. *Será que realmente existem pessoas de cor azul, vermelho, verde?* Após mediações realizadas, eles entenderam que poderiam ilustrar o seu retrato da cor que realmente são, e que isso não é vergonha. Seria motivo de orgulho!

Etapa 03 (28/11/2019): Redescobrimo o Eu identitário

Em todas as aulas buscava lembrar o que havíamos desenvolvido anteriormente, a fim de perceber se realmente estavam me acompanhando. As crianças teciam detalhes sobre as atividades já realizadas, comentavam sobre o que gostaram, sugeriam ações, revelando um significativo envolvimento com o projeto.

Dando prosseguimento, trabalhamos com o teatro de sombras, fazendo uma releitura da obra trabalhada. As crianças recontaram partes da história de maneira perfeita; e durante a encenação, contribuem com contação do texto, dão ênfase ao lúdico através da representação teatral. Foi bastante proveitoso esse momento! Saliento que a experiência do teatro de sombras sempre encanta a turma, mesmo que as crianças já tenham trabalhado em outros momentos.

A atividade seguinte, consistiu em trabalharmos na confecção de uma carteira de identidade. Apresentei meu RG a turma e expliquei detalhes do que aquele documento representava para além de um simples papel, ou documento de identificação. Ressaltei a valorização da identidade negra cidadã que tem direitos e deveres como qualquer outra pessoa.

Foto 5 - Teatro de sombras



Foto 6 - Criação da Carteira de Identidade



Fonte: acervo da autora da pesquisa.

Ao planejar esta atividade, não imaginava tamanha repercussão, de forma tão positiva entre as próprias crianças e seus pais. As crianças sentiram-se muito importantes portando seu documento de identidade. Era visível a satisfação, estampada no rosto de cada um(a). Neste clima de alegria, muitos perguntavam: *Pró vamos levar para casa?* E eu, entusiasmada com o resultado da produção, respondia: *Sim meus amores, levarão para casa sim!*. Muitos foram os comentários, não só das crianças, mas também dos seus pais, sobre os resultados da atividade, que sem dúvida, marcou a história de cada criança.

Por meio das atividades com pintura, várias crianças já se representavam na cor que realmente são, inclusive quem se vê enquanto branco. Outras continuaram se pintando com cores outras, como azul, vermelho... Entendo que este é um longo processo, uma vez que são muitas as fontes as quais eles têm acesso, que valorizam a beleza branca, em detrimento da negra. Mas o importante, é que estava lançando “ao solo”, as primeiras sementes, que germinariam no decorrer do tempo.

Etapa 04 (02/12/2019): O Eu e o outro

Neste dia assistimos ao vídeo “É normal ser diferente - Grandes pequeninos”. Iniciei indagando a turma sobre as imagens exibidas no vídeo: Qual a cor da menina que está de frente ao espelho? Quais eram as características das pessoas que apareceram no vídeo? E a turma foi dizendo: Gordo, magro, cabeludo... Enfim, prestaram toda atenção ao vídeo e a mensagem que o mesmo transmitiu.

Dando continuidade, propus as crianças um “Mural das Expressões”, que consistia na visualização da imagem de cada criança, diante um grande espelho, disposto em um local da sala de aula. As crianças deveriam se observar e se expressarem através da linguagem corporal, frente ao espelho. Era incrível como tentavam desenhar exatamente o gesto feito pelo colega. Na turma, todas as meninas fazem balé, um dia na semana, e reproduziram alguma performance ligada a esta atividade. Ao final, sentamos na rodinha para avaliarmos como se sentiram, na produção do “mural”. Com contentamento se expressavam: *“Legal! Amei! Incrível! Queremos de novo!!”*

Foto 7 - Mural das Expressões



Fonte: acervo da autora da pesquisa.

Solicitei que em dupla, as crianças se colocassem de frente uma da outra, e desenhassem o(a) colega, simulando que fossem espelho um do outro e repetissem os gestos do colega. Nos comentários finais, sinalizaram que por mais que tentassem, nem sempre conseguiram reproduzir na íntegra o gesto feito pelo(a) colega. Cada um fez do seu jeito, porque cada jeito é de um, cada corpo, expressão, movimento é individual. Pois somos pessoas únicas e especiais por isso.

Etapa 05 (04/12/2019): Reconstruindo a história

Dia da conclusão do projeto. Um “ciclo de construções” que fez diferença não só na vida das crianças, mas especialmente na minha. A auxiliar de classe que trabalha com minha turma, afirmou que há 7 anos trabalhando na escola, nunca viu um trabalho como o que foi

desenvolvido. Nem como atividade dos livros didáticos, nem abordados por outra profissional da instituição. A mãe de uma aluna, ao chegar a escola me pergunta: *Qual foi a mágica pró? Que Maria quis tirar uma boneca negra da caixa que havia ganhado no seu aniversário mas achava “feia”*. E continua a indagação: *pró, não sei onde ela aprendeu isso, não foi eu que ensinei*. Eu respondi: *Mãe, a mídia está aí para ensinar. É algo estrutural, enraizado... Cabe a nós mudarmos essa estrutura, rompermos com esses lugares que nos foi posto*. Ela diz que perguntou a filha o porquê só agora quis brincar com a boneca. Em casa, a criança explicou a o porquê, e contou sobre tudo que estávamos trabalhando sobre os negros: identidade, heroínas e princesas negras. Precisei conter as lágrimas, visto que é importante saber que seu trabalho faz a diferença na vida de alguém, ainda que não plenamente. Mas acredito que toda mudança precisa partir de um início.

Após estes diálogos tecidos logo no início da manhã, com a auxiliar e a mãe da aluna, solicitei que uma criança fizesse uma releitura da obra a partir das imagens. Toda a turma parou para ouvir Aylla recontar a história. E após esse momento perguntei o que mais teriam gostado no decorrer dos dias? Falaram do teatro de sombras, do mural das expressões, de desenhar, pintar, de fazer a identidade, da construção da Abayomi e do Benjamim, da música... Agradei a eles e a Alina Guimarães – colega da Universidade – pela contribuição nesse processo, e pelas partilhas. Haja vista que sem a colaboração dela, e sem a participação efetiva da turma, este projeto não seria possível.

A partir do projeto de intervenção foi possível observar que o currículo escolar deve ser uma ferramenta de apoio para a organização da ação pedagógica na escola. Sobretudo no desempenho dos professores, que devem ter como base a realidade das crianças como ponto de partida para o seu trabalho, assinalando sua diversidade, solicitando atividades concretas e desafiadoras, estimulando a descoberta, ressaltando a participação e ajuda mútua.

A Educação Infantil é um período em que a criança está em pleno desenvolvimento de suas potencialidades, na qual desenvolve sua autonomia, sua identidade e estabelece interações. Toda criança se vê enquanto protagonista de uma história; ela constrói um imaginário onde não existe exclusões, padrões, inferiorização. Tais rótulos foram atribuídos pela elite embranquecida, que sempre esteve em estado de superioridade e de forma violenta, esses estigmas também tem alcançado nossas crianças. Cabe a escola possibilitar atividades nas quais “o aluno afrodescendente e afro-brasileiro se reconheça como parte do social e que perceba e sinta orgulho de suas raízes através da cultura africana presente em nosso país (LOPEDOTE; KOVALSKI, 2014, p. 17).

Conforme Santana (2006), a partir do momento que são dadas aos educandos a possibilidade de ter o contato com uma literatura que contemple o acesso à cultura, à origem, à diversidade e às referenciais da população negra, haverá a possibilidade de se quebrar estereótipos e minimizar preconceitos a respeito dos mesmos. A escola não pode estar alheia ao processo, reproduzindo apenas o que está posto. Seu papel é justamente fazer o contrário, contestar esses espaços, e reescrever uma nova história que contemple todos seus educandos de forma justa e igualitária.

Por isso, quando esses padrões estéticos e estereótipos são desconstruídos, a criança começa a sentir-se parte da história, consegue aceitar o grupo étnico que pertence, pelo fato de possuir um referencial cultural e estético no qual se espelha, o que é transmitido pela obra quando a personagem Luanda, diz que a parte que mais gosta nela, são os cabelos crespos, cheios de rolinhos. E que adora inovar nos penteados para desfilar na escola. Afinal, *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!*

Foto 8 - Mural “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”!



Fonte: acervo da autora da pesquisa

Dessa maneira, é muito importante que os educandos tenham acesso a literatura afro-brasileira, para que se percebam nas características físicas dos personagens das obras de literatura infantil, em que sejam contemplados figuras negras que ocupem espaços privilegiados, para que aconteça uma elevação da sua autoestima, e a formação da sua identidade, que realmente só poderá ser afirmada por bases sólidas do reconhecimento ao seu pertencimento, a suas raízes que demarcam essa essencialidade de um país mestiço, porém nada democrático com o qual vivemos e aprendemos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário da educação contemporânea, ainda nos deparamos com preconceitos e estereótipos negativos em torno da figura do negro. A literatura infantil afro-brasileira, por meio das obras apresentadas às crianças, especialmente nas instituições escolares, deve possibilitar o contato com a diversidade, através das diferentes representações culturais, bem como o desenvolvimento de ações que promovam a construção da identidade da criança negra e a sua valorização.

Por meio do projeto de intervenção “Cada um com seu Jeito, cada jeito é de um!/: A literatura afro-brasileira infantil como interface para a construção identitária da criança negra” aplicado em uma turma da Educação Infantil, foi possível trabalhar com a literatura infantil afro-brasileira, tendo como alicerce o livro “Cada um com seu Jeito, cada jeito é de um!”. As atividades buscaram contribuir principalmente na formação da identidade da criança, seus comportamentos e atitudes, na valorização da cultura negra, no combate ao racismo, bem como, na transmissão de valores morais e culturais essenciais para a convivência em sociedade.

Trabalhar as relações étnico-raciais não é uma tarefa fácil, pois são muitas as dificuldades e resistências. A cultura eurocêntrica ainda está muito enraizada na escola. Contudo, ao ser utilizada de forma lúdica e comprometida com os seus princípios, a literatura afro-brasileira promove uma educação multicultural e antirracista, e a escola por ser uma instituição formadora, necessita introduzir a temática em sala de aula, desde os primeiros anos de escolarização da criança.

Assim, inserir esse tipo de literatura em sala de aula de forma lúdica e com intencionalidade, permite aos educandos adquirirem noções de respeito às diferenças, a diversidade, a descobertas do eu e do outro, da importância do ser diferente, e da partilha, a mudança de olhares, gestos e expressões. Trata-se de uma reeducação que possibilita a construção da identidade da criança negra, e um novo olhar da criança branca em relação a todo o contexto, visto que o meio externo e as pessoas influenciam nessa formação de forma tão direta.

Com isso, ao analisar de que maneira a literatura afro-brasileira pode ser uma interface na construção identitária da criança negra na Educação Infantil, pode constatar a mesma exerce influencia no modo de agir da criança, de enxergar o mundo no qual está inserida, tendo como finalidade a valorização e visibilidade da história do povo negro. Abordar resistências, os heróis negros e suas tradições culturais e religiosas; a valorização de suas características estéticas, contribuindo de maneira significativa para gerar novos esquemas mentais em relação ao

racismo, ao preconceito seja de qual origem for, os estereótipos negativistas e a inferiorização da imagem do corpo negro.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília, Liber livro Editora, 2004.

BARREIROS, Ruth. C. Leitura e formação identitária na literatura infantil afro-brasileira. **Anais. II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino e Linguagem**. Cascavel: UNIOESTE, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane. Discursos e práticas racistas na educação infantil: a produção da submissão social e do fracasso escolar. **Cadernos Educação**, n. 3, mar./2001.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Campo Grande: Alvorada, 2012.

DUARTE, Eduardo Assis, (Coord.). **Literatura Afro-Brasileira**. Abordagens na sala de aula. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudos de literatura**, 2002.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LOPEDOTE, Maria de Lourdes; KOVALSKI, Josiel. **A literatura e a imagem afro-brasileira**. Cadernos PDE. VOL 1. Paraná, 2014

MARIOSIA, Gilmar S.; REIS, Maria. G. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, v. 8, p. 42-53, dez./2011.

MENEZES, Valquíria Borges de. **O papel da literatura infantil afro-brasileira na construção identitária das crianças negras**. 2017. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

MINAYO, M. Cecília. de S. (Org.). et al. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MUNANGA, Kabengele. (Org). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 15 jun 2019.

SANTANA, Patrícia. S. Educação Infantil. BRASL, Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

SILVA, Maria. R. A literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.